

DESAFIOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA TRANSIÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL I PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II COM ÊNFASE NO ENSINO DE MATEMÁTICA

CHALLENGES AND PEDAGOGICAL PRACTICES IN THE TRANSITION FROM ELEMENTARY SCHOOL I TO ELEMENTARY SCHOOL II WITH EMPHASIS ON MATHEMATICS TEACHING

 <https://doi.org/10.63330/sasciencesv6n2-074>

Submetido em: 07/07/2026 e Publicado em: 16/07/2026

SAS: e26295

Alberice Maria L. Sousa

Mestranda em Ciências da Educação ULDV

Ana Catarina da C. Lima

Mestranda em Ciências da Educação ULDV

Fabiana C. Cardoso Rodrigues

Mestranda em Ciências da Educação ULDV

Rafael Rocha Soares

Mestrando em Ciências da Educação ULDV

Sandro Ferreira Lima

Mestrando em Ciências da Educação ULDV

Sandro Murilo Emídio Santos

Mestrando em Ciências da Educação ULDV

Plinio da Silva Andrade

Mestrando em Ciências da Educação ULDV

Márcio Luiz Oliveira de Aquino

Doutor em Ciências da Educação – Universidade Leonardo da Vinci

Resumo

O presente estudo constitui um fichamento textual de natureza bibliográfica sobre os desafios e as práticas pedagógicas envolvidos na transição do Ensino Fundamental I (EF I) para o Ensino Fundamental II (EF II) no contexto educacional brasileiro, com ênfase no ensino de Matemática. A pesquisa analisa as principais mudanças cognitivas, socioemocionais e pedagógicas que marcam essa fase, destacando fenômenos como a ansiedade matemática, a fragmentação curricular, a ruptura afetiva decorrente da passagem da unidocência para a pluridocência e o abismo cognitivo entre a aritmética dos Anos iniciais e a álgebra dos Anos Finais (Vygotsky, 1984). A metodologia adotada é a Revisão Bibliográfica Qualitativa, com análise de documentos normativos entre os quais a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e dados do IDEB



2023 (Brasil, 2018; INEP, 2024). Os resultados evidenciam que intervenções como o ensino em espiral, projetos interdisciplinares, suporte socioemocional e planejamento colaborativo entre docentes dos dois ciclos têm impacto positivo significativo na qualidade da transição (Ponte, 2007; Brasil, 2018). Conclui-se que a Matemática deve ser apresentada não como ruptura, mas como continuidade do que foi construído nos Anos Iniciais, mantendo o engajamento e a confiança dos estudantes nessa etapa decisiva da vida escolar (D'ambrosio, 2012).

Palavras-chave: Ansiedade matemática; Articulação curricular; Ensino de Matemática; Práticas pedagógicas; Transição escolar.

Abstract

This study presents a textual record of a bibliographic nature on the challenges and pedagogical practices involved in the transition from Elementary School I (EF I) to Elementary School II (EF II) in the Brazilian educational context, with emphasis on Mathematics teaching. The research analyzes the main cognitive, socio-emotional, and pedagogical changes that characterize this phase, highlighting phenomena such as mathematics anxiety, curricular fragmentation, the affective rupture resulting from the shift from single-teacher to multi-teacher environments, and the cognitive gap between arithmetic in the early years and algebra in the later years. The methodology is a qualitative bibliographic review, with analysis of normative documents — including the National Common Curricular Base (BNCC) and IDEB 2023 data. Results show that interventions such as spiral teaching, interdisciplinary projects, socio-emotional support, and collaborative planning between teachers of both cycles have a significant positive impact on the quality of the transition. It is concluded that Mathematics should be presented not as a rupture, but as a continuity of what was built in the early years, maintaining students' engagement and confidence at this decisive stage of school life.

Keywords: Curricular articulation; Mathematics anxiety; Mathematics teaching; Pedagogical practices; School transition.

1 INTRODUÇÃO

A transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II representa uma fase crítica no desenvolvimento educacional dos alunos. Este período está repleto de desafios que podem impactar significativamente a trajetória acadêmica e emocional dos estudantes. Nesta fase, os educadores devem estar cientes das complexidades que envolvem não apenas aspectos cognitivos e pedagógicos, mas também questões socioemocionais que emergem na vida dos alunos. A compreensão desses desafios é essencial



para garantir uma experiência de transição mais eficaz e benéfica (Brasil, 2018; Vygotsky, 1984).

Os desafios cognitivos enfrentados pelos alunos ao mudar de ciclo incluem a adaptação a novas exigências escolares, maior complexidade das atividades curriculares e mudanças no método de avaliação. Os alunos muitas vezes chegam ao Ensino Fundamental II sem a preparação necessária para lidar com essas novas expectativas, o que pode gerar ansiedade e insegurança. Assim, é vital investigar como essas dificuldades cognitivas podem ser superadas com intervenções pedagógicas apropriadas (Vygotsky, 1984).

Além dos obstáculos cognitivos, os aspectos pedagógicos devem ser cuidadosamente ajustados para promover a continuidade do conhecimento. As práticas de ensino precisam ser revitalizadas e adaptadas, a fim de proporcionar uma experiência de aprendizado que não apenas atenda às necessidades curriculares, mas também segmente o desenvolvimento gradual das habilidades dos alunos. Essa reestruturação pedagógica pode envolver o uso de metodologias interdisciplinares e enfoques que considerem a aprendizagem em espiral, onde os conceitos são revisitados e aprofundados ao longo do tempo.

A ansiedade matemática é um exemplo específico de um desafio que pode afetar o desempenho dos alunos durante essa transição. Segundo Hembree (1990) e Ashcraft e Kirk (2001), essa ansiedade pode se manifestar em situações de avaliação, prejudicando o rendimento acadêmico e diminuindo a confiança dos estudantes em suas habilidades. Portanto, é necessário explorar estratégias que possam minimizar esse tipo de ansiedade, oferecendo apoio e recursos adequados aos alunos nesse período desafiador.

As evidências empíricas que sustentam a necessidade de práticas educacionais interdisciplinares e de ensino em espiral serão discutidas em profundidade nos capítulos subsequentes. Esses modelos pedagógicos têm o potencial de facilitar a adaptação dos alunos às novas exigências do Ensino Fundamental II, ao criar conexões significativas entre disciplinas e incentivar um aprendizado mais integrado (Bruner, 1960; Dante, 2009).

Outro aspecto importante que será abordado refere-se às lacunas de pesquisa existentes na literatura atual sobre a experiência dos alunos durante essa transição (Mendes; Carmo, 2014). Existem poucos estudos que analisam detalhadamente as variadas experiências de transição e as implicações para o ensino e aprendizado. A identificação dessas lacunas é crucial para o desenvolvimento de investigações futuras que possam iluminar como os alunos vivenciam esse momento, e que práticas podem ser implementadas para apoiar melhor suas necessidades.

O papel das políticas educacionais na facilitação de uma transição estruturada e eficaz será igualmente examinado (Brasil, 1996). É fundamental que as políticas de educação considerem as especificidades dos processos de transição entre os ciclos, promovendo um ambiente que favoreça a continuidade da aprendizagem e o bem-estar dos estudantes. O planejamento colaborativo entre docentes emerge como um princípio importante para garantir que a prática de ensino seja harmonizada e que os alunos experimentem uma jornada educacional coesa.



Além disso, a formação contínua de professores no contexto da transição entre ciclos de ensino será discutida em detalhe. A capacitação docente é essencial para que os educadores estejam preparados para enfrentar os desafios novos e complexos que surgem nessa fase da educação, assegurando que possam implementar práticas pedagógicas que atendam às necessidades de seus alunos (Brasil, 2018; Carmo, 2011).

Este Artigo, portanto, estabelece uma base sólida para as discussões subsequentes, que se aprofundarão em cada um desses tópicos. A intenção é construir um entendimento abrangente e interconectado que valorize a importância da transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II e evidencie como ela pode ser gerida de forma eficaz, beneficiando não apenas os alunos, mas todo o sistema educacional como um todo. O roteiro que se segue busca explorar as diversas dimensões desse fenômeno, promovendo a reflexão crítica e o desenvolvimento de soluções práticas que possam ser aplicadas em contextos reais de ensino.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A transição do Ensino Fundamental I (EF I) para o Ensino Fundamental II (EF II) é um momento crítico na trajetória educacional dos alunos, marcada por diversas mudanças cognitivas e pedagógicas. Este fenômeno, além de ser um marco significativo na formação acadêmica, também envolve desafios emocionais, como a ansiedade matemática, que podem impactar o desempenho e a atitude dos alunos em relação à aprendizagem. Como será discutido nos capítulos subsequentes esses distintos aspectos da transição, destacando a importância de práticas pedagógicas interdisciplinares e abordagens que sustentem a continuidade do aprendizado (Brasil, 2018; Vygotsky, 1984).

Um dos pontos centrais a serem investigados é a mudança cognitiva que os alunos enfrentam durante essa fase de transição. No EF I, o ensino é geralmente mais lúdico e centrado em atividades concretas, enquanto no EF II, espera-se uma maior autonomia e capacidade de abstração, especialmente no que diz respeito ao ensino da matemática (Vygotsky, 1984). A adaptação a essa nova dinâmica pode ser desafiadora para muitos alunos, que podem sentir-se sobrecarregados com a complexidade crescente dos conteúdos. Nesse contexto, é fundamental compreender as principais diferenças na abordagem pedagógica entre essas etapas e como elas podem facilitar ou dificultar a transição.

Uma abordagem que merece destaque é o ensino em espiral, que propõe a revisitação periódica dos conceitos matemáticos, permitindo que os alunos construam conhecimento de maneira mais robusta e contínua. O ensino em espiral favorece a retomada e o aprofundamento progressivo dos conceitos, respeitando o desenvolvimento cognitivo dos estudantes (Bruner, 1960). Por meio desse método, os educadores têm a possibilidade de conectar conteúdos já aprendidos com novos aprendizados, tornando o processo mais integrado e menos fragmentado.

Além das mudanças cognitivas, a ansiedade matemática é um fenômeno que pode se intensificar



nesse período de transição. Estudos indicam que muitos alunos desenvolvem uma apreensão significativa em relação à matemática, afetando sua confiança e disposição para enfrentar desafios matemáticos (Hembree, 1990). Tal ansiedade pode manifestar-se de diversas formas, desde a relutância em participar de atividades que envolvem resolução de problemas até a evitação total do aprendizado matemático. Portanto, é crucial que educadores estejam cientes desse aspecto emocional e que implementem estratégias para mitigá-la. Práticas como o aprendizado colaborativo e a promoção de um ambiente seguro e acolhedor são exemplos de métodos que podem ajudar a reduzir a ansiedade, oferecendo apoio emocional e social aos alunos.

Ademais, a interconexão entre diferentes disciplinas é uma estratégia pedagógica que se mostra cada vez mais eficaz durante a transição do EF I para o EF II. O uso de práticas interdisciplinares permite que os alunos visualizem a relevância do conhecimento adquirido em diferentes contextos, favorecendo uma aprendizagem mais significativa. Por exemplo, integrar conceitos matemáticos na área de ciências pode enriquecer a compreensão dos alunos sobre a utilidade prática da matemática no mundo real (Dante, 2009). Essa abordagem não só facilita a transição, como também estimula o interesse dos alunos em aprender, ao apresentar conteúdos de forma mais contextualizada e interconectada.

Outro aspecto relevante é o papel das políticas educacionais na articulação curricular e na formação contínua de professores. Para que a transição do EF I para o EF II seja bem-sucedida, é necessário que haja um alinhamento entre os objetivos pedagógicos das diferentes etapas de ensino. Políticas que promovam a continuidade no alinhamento curricular ajudam a garantir que os alunos tenham uma experiência de aprendizagem coesa. Além disso, a formação contínua de professores é essencial para que estes estejam atualizados com as melhores práticas pedagógicas e possam atender às demandas emocionais e cognitivas dos alunos durante essa fase crítica (Carmo, 2011).

Por fim, é importante ressaltar que a literatura sobre a experiência dos alunos durante a transição do EF I para o EF II ainda apresenta lacunas significativas (Carmo, 2011; Mendes; Carmo, 2014). Muitas pesquisas focam em aspectos isolados da transição, mas há uma necessidade de abordagens que considerem a experiência do aluno de forma holística.

Compreender como os alunos vivenciam tanto as mudanças cognitivas quanto as emocionais pode fornecer insights valiosos para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais eficazes (Vygotsky, 1984; Bruner, 1960). A realização de estudos futuros nessa direção é essencial para enriquecer o conhecimento sobre esse fenômeno e contribuir para a melhoria da prática educacional. Assim, este capítulo propõe uma análise multifacetada das mudanças que ocorrem na transição entre o EF I e o EF II, destacando a inter-relação entre aspectos cognitivos, emocionais e pedagógicos. A investigação dos fatores que contribuem para uma transição bem-sucedida permitirá a construção de um arsenal de estratégias práticas que podem ser aplicadas no ambiente escolar, beneficiando tanto os alunos quanto os educadores. Os próximos



capítulos deste trabalho se dedicarão a aprofundar cada uma dessas temáticas, explorando as mudanças cognitivas de maneira pontual, as práticas pedagógicas interdisciplinares, a ansiedade matemática e o impacto das políticas educacionais, além de oferecer uma análise crítica sobre as lacunas existentes na literatura atual. Este percurso visa construir um entendimento sólido que possibilite a identificação de caminhos efetivos para facilitar a transição no contexto educacional brasileiro.

3 EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS E METODOLÓGICAS

A transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II representa um período crítico no desenvolvimento educacional dos alunos. Nesse contexto, a proficiência em Matemática tem se mostrado um aspecto central a ser investigado, pois essa disciplina é muitas vezes considerada um indicador chave de sucesso acadêmico. Estudos têm demonstrado que a mudança de nível escolar pode provocar alterações significativas no desempenho dos estudantes, especialmente em Matemática, onde a ansiedade matemática se destaca como um fator que pode comprometer a aprendizagem (INEP, 2024; Hembree, 1990). Este capítulo se dedica a examinar as evidências empíricas acerca da proficiência em Matemática durante essa transição, bem como o impacto da ansiedade matemática na aprendizagem dos alunos. Inicialmente, é fundamental considerar quais dados empíricos estão disponíveis a respeito da proficiência em Matemática durante a transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II.

Figura 1 – Dados do IDEB 2023: desempenho em Matemática na transição EF I/EF II



Fonte: INEP. Resultados do IDEB 2023. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, agosto 2024.

Pesquisas recentes revelam variações substanciais no desempenho dos alunos, dependendo de fatores regionais. Essa variabilidade pode ser atribuída a diferenciais na qualidade dos recursos educacionais, formação de professores e contextos sociais e econômicos, que influenciam diretamente as oportunidades de aprendizagem. Os dados indicam que regiões mais favorecidas tendem a apresentar resultados mais positivos, enquanto áreas com menos recursos enfrentam maiores desafios (Bronfenbrenner, 1979). As implicações desses dados são profundas, pois sugerem a necessidade de

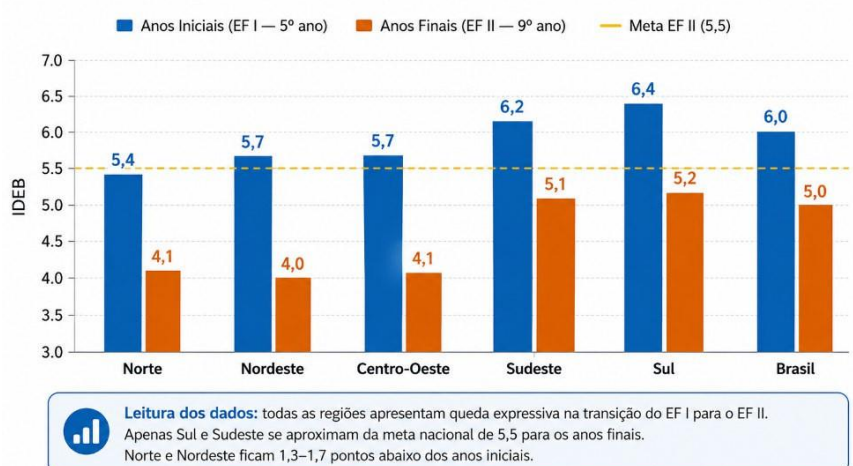


políticas educacionais mais inclusivas e sustentadas, que considerem as particularidades de cada região para garantir que todos os alunos tenham a oportunidade de desenvolver suas habilidades matemáticas de forma adequada.

Gráfico 1 – Variação regional no desempenho em Matemática durante a transição escolar

Agora o gráfico comparativo do IDEB 2023 por região — anos iniciais vs. anos finais:

IDEB 2023 por região — comparativo Anos Iniciais (EF I) vs. Anos Finais (EF II) • Fonte: INEP/MEC, agosto 2024



Fonte: INEP (2024).

Outro ponto crucial a ser discutido é como a ansiedade matemática afeta a aprendizagem durante essa transição. A literatura aponta que muitos alunos experimentam um aumento significativo nos níveis de ansiedade ao avançarem para o Ensino Fundamental II, um fenômeno que pode levar a uma percepção negativa em relação à Matemática e, consequentemente, influenciar a motivação e o engajamento com a matéria. A ansiedade matemática não apenas impacta o desempenho imediato, mas pode perpetuar um ciclo de baixo desempenho e estigmatização, afetando a autoeficácia dos alunos e suas expectativas futuras (Hembree, 1990; Ashcraft; Kirk, 2001). Assim, é imperativo abordar não apenas os aspectos cognitivos da aprendizagem, mas também os emocionais, criando ambientes de aprendizagem que acalmem a ansiedade e promovam a confiança dos alunos em suas habilidades.

Quanto às abordagens metodológicas adotadas nas investigações sobre a continuidade do conhecimento durante a transição, é essencial reconhecer quais metodologias têm se mostrado mais eficazes.

Pesquisas qualitativas que incorporam entrevistas e questionários com alunos, professores e pais revelam insights valiosos sobre as experiências vividas durante essa fase. Metodologias mistas também têm se mostrado eficazes, combinando dados quantitativos com relatos qualitativos para oferecer uma visão mais abrangente das dinâmicas envolvidas. A utilização de estudos de caso permite uma exploração mais profunda das realidades escolares específicas, enquanto levantamento de dados longitudinais pode iluminar



as trajetórias dos alunos ao longo do tempo, revelando padrões de aprendizado e dificuldades que podem ser abordadas de maneira mais efetiva.

Tabela 1 – Metodologias de pesquisa utilizadas nos estudos sobre transição escolar

Comparativo entre abordagens metodológicas:

Metodologia	Pontos fortes	Limitações
Qualitativa (entrevistas)	Captura experiências vividas com riqueza e profundidade	Não generalizável, demanda tempo
Quantitativa (survey/IDEB)	Representatividade, comparabilidade regional	Não capta nuances emocionais
Mista	Combina amplitude com profundidade	Maior complexidade de análise
Longitudinal	Revela trajetórias e impacto de intervenções	Custo elevado, atrito amostral
Estudo de caso	Contexto específico e detalhado	Baixa transferabilidade para outros contextos

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

A importância das vozes dos estudantes nas investigações sobre a transição escolar não pode ser subestimada. Incorporar a perspectiva dos alunos proporciona uma compreensão mais rica e profunda sobre como as mudanças estruturais e curriculares são vividas na prática. Segundo Vygotsky (1984), os alunos podem identificar, com propriedades singulares, os fatores que contribuem para uma experiência de transição bem-sucedida, bem como os desafios que frequentemente enfrentam. Assim, sua inclusão nas pesquisas não só enriquece os dados coletados, mas também fomenta um ambiente educacional mais colaborativo e sensível às necessidades dos estudantes.

Os dados longitudinais também desempenham um papel crucial na compreensão da aprendizagem matemática em contextos de transição escolar. Estudos longitudinais permitem observar mudanças e tendências no desempenho ao longo do tempo, revelando como intervenções ou mudanças estruturais têm impacto sustentado na aprendizagem dos alunos (Carmo,2011; Mendes; Carmo,2014). Esse tipo de pesquisa pode identificar não apenas quedas de performance durante a transição, mas também o sucesso de intervenções que visam mitigar essas quedas, facilitando uma compreensão mais sólida de quais práticas educativas são mais benéficas no longo prazo.



Tabela 2 – Dados longitudinais de aprendizagem matemática em contextos de transição

 1. Experiências negativas	Ensino inadequado, exposição vexatória, cobrança excessiva
 2. Ansiedade matemática	Reações de medo, fuga, pânico e aversão à disciplina
 3. Baixo desempenho	Prejuízo à memória, atenção e motivação acadêmica
 4. Estigmatização	Rótulos negativos e redução da autoeficácia do aluno
 5. Ciclo perpetuado	Sem intervenção, a ansiedade se intensifica a cada ciclo
 Intervenção rompe o ciclo  Matrícula gradual · reforço acadêmico · apoio psicológico · ambiente seguro	

Fonte: Carmo (2011); Mendes & Carmo (2014); Hembree (1990); Ashcraft & Kirk (2001); *SciELO Brasil – Reversão de ansiedade à matemática*.

Por fim, intervenções comprovadas em literatura são fundamentais para reduzir as rupturas conceituais que ocorrem durante a transição entre o Ensino Fundamental I e II. Programas de matrículas gradual, reforço acadêmico direcionado e apoio psicológico são alguns exemplos que têm demonstrado eficácia na adaptação dos alunos a novos ambientes e currículos. (Hembree,1990; Ashcraft; Kirk,2001). A implementação dessas intervenções deve ser baseada em evidências da pesquisa educacional atual, garantindo que as estratégias adotadas sejam adaptáveis às especificidades locais e culturais das escolas.

Em síntese, o presente capítulo se propõe a explorar e analisar as evidências empíricas sobre a proficiência em Matemática durante a transição entre o Ensino Fundamental I e II, destacando o impacto da ansiedade matemática e as metodologias que têm sido eficazes para entender esse fenômeno. As interações entre fatores regionais, emocionais e metodológicos compreendem um campo rico para a investigação que, ao ser explorado, pode contribuir para a construção de práticas educativas mais inclusivas e eficazes. Ao vincular as experiências dos estudantes às práticas pedagógicas, este trabalho almeja não apenas identificar os desafios enfrentados, mas também propor soluções que melhorem a educação matemática durante um dos períodos mais críticos na formação escolar dos alunos.

3.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A TRANSIÇÃO

A transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II é um processo delicado que requer atenção especial de educadores, gestores e famílias. Este capítulo irá se aprofundar nas diversas práticas pedagógicas que podem ser implementadas para garantir uma continuidade eficiente do aprendizado, enfatizando a importância de intervenções pedagógicas. Entre essas, destacam-se o ensino em espiral e a realização de projetos interdisciplinares, que se mostram fundamentais para o fortalecimento do conhecimento dos alunos neste período crítico.



Figura 2 – Práticas pedagógicas para a transição do EF I para o EF II



Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Além disso, abordaremos a relevância do suporte socioemocional, sobretudo no que diz respeito à ansiedade matemática que muitos estudantes enfrentam durante essa transição.

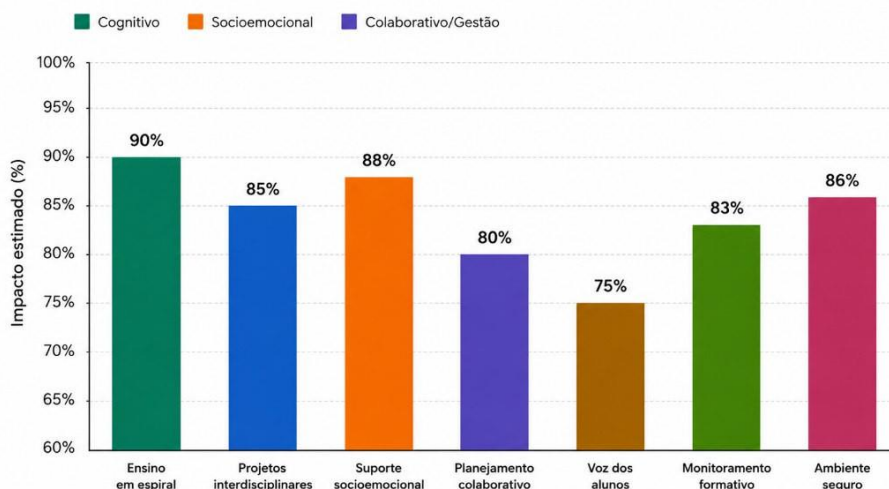
As práticas pedagógicas no contexto da transição precisam ser refletidas e discutidas de forma colaborativa entre docentes. O planejamento colaborativo, que envolve a troca de experiências e estratégias entre professores de diferentes disciplinas, pode ser um poderoso aliado para criar intervenções mais integradas. Quando os educadores se reúnem para compartilhar suas perspectivas e alinhar expectativas em relação aos alunos, o resultado tende a ser uma abordagem mais holística, que reconhece as particularidades de cada estudante.

Uma das estratégias pedagógicas que têm se destacado é o ensino em espiral, que visa revisar e aprofundar o aprendizado ao longo do tempo. Essa abordagem permite que os alunos revisitem conceitos de matemática de modo gradual e sistemático, ajudando a consolidar o que aprenderam antes de avançar para novos conteúdos. Ao longo deste capítulo, exploraremos como essa metodologia pode ser aplicada especificamente na transição entre o EF I e o EF II, analisando se as experiências anteriores dos alunos são levadas em conta no planejamento das aulas subsequentes.



Gráfico 2 – Impactos estimado de cada prática aplicada ao ensino de Matemática

Impacto estimado de cada prática pedagógica na qualidade da transição EF I → EF II
(síntese da literatura acadêmica)



Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Outra área de contribuição significativa é a implementação de projetos interdisciplinares. Os projetos interdisciplinares promovem a contextualização dos conteúdos escolares e favorecem aprendizagens mais significativas (Dante, 2009; Brasil, 2018). Essa estratégia não apenas a torna mais atraente para os alunos, mas também facilita a assimilação de conhecimentos mais complexos, proporcionando um espaço onde podem ver a relevância prática do que aprendem na escola. Neste capítulo, descreveremos exemplos práticos de como a interdisciplinaridade pode ser utilizada para enriquecer a experiência dos estudantes durante esta fase de transição.

Um aspecto frequentemente negligenciado, mas de suma importância, refere-se ao apoio socioemocional dos alunos na transição para o EF II. A ansiedade matemática é um dos fatores que (Mendes; Carmo, 2014) podem dificultar a adaptação ao novo ciclo de ensino, e, portanto, abordagens que priorizam o bem-estar emocional dos estudantes são cruciais. Investigaremos as formas de suporte que podem ser oferecidas para aliviar essa ansiedade e facilitar a transição. Tais estratégias podem incluir a criação de um ambiente de aprendizado que promova a segurança emocional, onde os alunos se sintam à vontade para expressar suas dificuldades e buscar ajuda.

Outro ponto relevante a ser discutido é a importância da voz dos alunos na construção de práticas pedagógicas. Ao integrarem as experiências e percepções dos estudantes nas estratégias de ensino, educadores podem criar um ambiente mais inclusivo e responsivo, levando em conta o que realmente faz sentido para os alunos. A participação ativa dos alunos na elaboração das atividades e nos processos avaliativos favorece uma aprendizagem mais significativa, fortalecendo sua autonomia e seu envolvimento com o processo educativo (Vygotsky, 1984; Dweck, 2006).

Figura 3 – Estratégias de suporte socioemocional durante a transição escolar



Fonte: Dweck (2006), Bronfenbrenner (1979), Vygotsky (1984), revisão da literatura brasileira.

Por fim, é essencial que as práticas pedagógicas sejam acompanhadas por métodos de monitoramento formativo que permitam avaliar o progresso dos alunos durante a transição. O acompanhamento sistemático do desempenho dos estudantes permite identificar dificuldades de aprendizagem e implementar intervenções pedagógicas em tempo oportuno (Brasil, 2018; Dweck, 2006). Discutiremos quais ferramentas podem ser eficazes para esse fim, bem como o papel que as avaliações formativas desempenham no processo de ensino-aprendizagem.

Ao longo deste capítulo, serão apresentados estudos de caso e exemplos práticos que ilustram cada uma das intervenções discutidas. O objetivo é proporcionar um quadro abrangente das práticas pedagógicas que não apenas facilitam a transição entre os ciclos, mas também fortalecem a autoestima e a autonomia dos alunos. A interconexão entre o desenvolvimento emocional e o aprendizado cognitivo será uma linha mestra, pois acreditamos que ambos são essenciais para o sucesso dos estudantes nessa fase crucial de suas vidas acadêmicas.

Assim, neste capítulo, temos a oportunidade de explorar uma variedade de implicações práticas que podem melhorar a experiência de transição dos alunos do Ensino Fundamental I para o II. Ao integrarmos as vozes dos alunos e colaborarmos entre educadores, temos o potencial de criar um ambiente de aprendizado que não só valoriza o conteúdo acadêmico, mas que também prioriza o bem-estar emocional e social dos estudantes. Este é um passo vital para garantir que cada aluno não apenas transite, mas também floresça em sua jornada educacional.

3.2 IMPLICAÇÕES PARA POLÍTICAS EDUCACIONAIS E GESTÃO ESCOLAR

O contexto educacional brasileiro, especialmente no que tange à transição do Ensino Fundamental I para o II, demanda uma análise crítica das políticas educacionais e das práticas de gestão escolar. Esta transição é um momento crucial na vida acadêmica dos estudantes, onde características tão diversas quanto



a articulação curricular e a formação contínua de professores se tornam fatores determinantes para o sucesso ou insucesso dessa fase de escolarização. Este capítulo se propõe a explorar essas dimensões e suas interconexões, abordando as implicações necessárias para a construção de um sistema educacional mais dinâmico e inclusivo.

Figura 4 – Articulação curricular entre o EF I e o EF II no contexto brasileiro



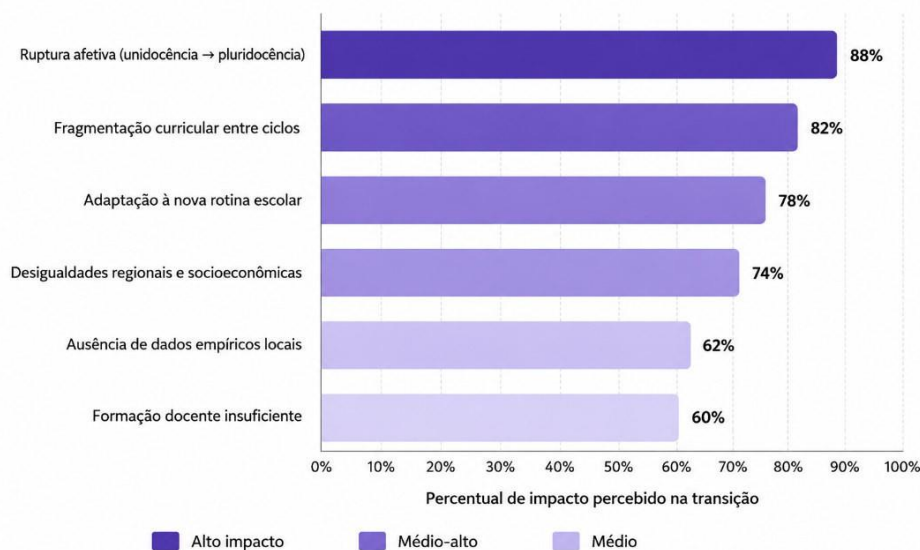
Fonte: Brasil (2018); elaborado pelos autores (2026).

A primeira questão a ser examinada consiste em como as políticas educacionais podem ser estruturadas para promover uma articulação curricular efetiva entre o Ensino Fundamental I e o II. A fluidez da experiência educacional dos alunos entre essas etapas deve ser cuidadosamente planejada, evitando descon continuidades que possam causar dificuldades de adaptação. Para tanto, é fundamental que as escolas e as redes de ensino adotem um enfoque colaborativo, envolvendo educadores, gestores e a comunidade para criar um currículo que encontre um equilíbrio entre as habilidades cognitivas desenvolvidas no primeiro ciclo e as exigências do segundo.



Gráfico 3 – Políticas educacionais e articulação curricular na transição escolar

Principais desafios na transição EF I → EF II segundo a literatura acadêmica brasileira



Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Além disso, a formação contínua de docentes surge como uma estratégia indispensável para preparar os educadores para os desafios desta transição. A formação continuada dos professores deve contemplar não apenas conteúdos pedagógicos, mas também processos reflexivos sobre a prática docente, favorecendo a melhoria contínua do ensino (Brasil, 2018; Carmo, 2011). Habilidades como empatia, escuta ativa e adaptação curricular são essenciais para que os educadores se sintam preparados para lidar com as diferentes necessidades dos alunos. A implementação dessas formações deve ser contínua e se estender ao longo da carreira docente, criando uma cultura de aprendizagem entre os professores.

A gestão escolar desempenha um papel crucial nesse processo, pois é responsável por implementar sequências de ensino compartilhadas que assegurem a continuidade curricular durante a transição. Os gestores escolares devem fomentar uma cultura de colaboração entre os docentes, incentivando o planejamento coletivo e a articulação curricular entre as etapas da Educação Básica (Brasil, 2018). A formação de grupos de estudo e planejamento colaborativo podem ajudar a integrar as práticas pedagógicas e a criar estratégias que considerem as especificidades locais e regionais. Essa aproximação se torna ainda mais vital em contextos em que adversidades sociais e econômicas podem impactar diretamente a experiência escolar dos estudantes.



Figura 5 – Papel da gestão escolar no processo de transição entre ciclos



Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Importante também é a inclusão das vozes dos estudantes nas políticas educacionais. Considerar as percepções e experiências dos alunos durante a transição do Ensino Fundamental I para o II não apenas legitima sua participação no processo educativo, mas também fornece valiosas informações que podem guiar a elaboração de políticas mais sensíveis às suas realidades. O feedback dos alunos pode ajudar a identificar lacunas no currículo e na pedagogia, possibilitando ajustes que atendam melhor às suas necessidades. Promover espaços de diálogo onde eles possam expressar suas dificuldades e sugestões contribui para um ambiente educacional mais democrático e acessível (Vygotsky, 1984; Bronfenbrenner, 1979).

Os dados empíricos constituem importante subsídio para o planejamento de políticas públicas educacionais, permitindo que as intervenções sejam fundamentadas em evidências e nas especificidades dos diferentes contextos escolares (INEP, 2024; Brasil, 2018). É necessário que as políticas educacionais se baseiem em pesquisa e evidências que reflitam as condições locais, considerando variáveis como índices de desigualdade, infraestrutura escolar e características socioculturais dos estudantes. Essas informações são determinantes para a elaboração de estratégias que realmente impactem a qualidade das experiências de aprendizado durante a transição. Uma abordagem baseada em dados permite que as escolas ajam de forma proativa e ajustem suas práticas conforme a dinâmica do ambiente escolar.

Por fim, o planejamento colaborativo entre docentes deve ser sistematizado para apoiar práticas pedagógicas durante a transição. Isso requer um investimento em formações que proporcionem meios para que os professores desenvolvam habilidades de trabalho em equipe, além de promover a coesão entre as práticas pedagógicas de diferentes disciplinas. Ao articular esforços e conhecimentos, os educadores



podem criar experiências de aprendizado mais integradas e significativas, que favoreçam a adaptação dos alunos ao novo ciclo. A construção de projetos interdisciplinares é apenas uma das formas de incrementar essa articulação, promovendo um diálogo contínuo entre as disciplinas e entre os profissionais que atuam na educação.

Diante do exposto, este capítulo traça um panorama abrangente sobre as implicações das políticas educacionais e gestão escolar na transição entre os ciclos do Ensino Fundamental. Exploraremos, ao longo dos próximos capítulos, os conceitos discutidos, bem como os desafios e as possibilidades que emergem deste contexto. O foco na articulação curricular, na formação de professores, na gestão escolar e na inclusão das vozes dos alunos estabelece uma base sólida para a análise crítica das práticas educativas, com um olhar atento às particularidades da realidade brasileira. Ao final, espera-se contribuir com reflexões que possam embasar ações efetivas e inovadoras na educação, promovendo um ambiente mais inclusivo e coerente com as necessidades dos estudantes em sua trajetória escolar.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo se destina a explorar as limitações da literatura atual sobre a transição do Ensino Fundamental I para o II, considerando a relevância dessa fase educativa no desenvolvimento e aprendizado dos estudantes. As transições escolares são momentos críticos que impactam não apenas o desempenho acadêmico, mas também o bem-estar emocional e social dos alunos. No entanto, uma análise aprofundada revela que a literatura existente frequentemente falha em incluir as vozes dos estudantes, resultando numa compreensão limitada de suas experiências e percepções durante esse processo.

Um dos principais desafios na literatura atual é a escassez de pesquisas que priorizem as perspectivas dos próprios alunos. Muitos estudos se concentram em dados institucionais ou em percepções de professores e gestores, sem considerar como os estudantes vivenciam a transição. Essa falta de inclusão pode levar a soluções que não atendem efetivamente às necessidades desses jovens, tornando essencial a coleta sistemática de dados que integrem as vozes dos estudantes às investigações sobre a transição entre os ciclos do Ensino Fundamental. Além disso, a heterogeneidade dos contextos escolares apresenta uma barreira significativa à generalização dos resultados obtidos nas pesquisas sobre a transição escolar.

As variações nas características demográficas e socioculturais dos alunos, bem como nas condições e práticas pedagógicas das escolas, influenciam diretamente a eficácia das intervenções. Por conseguinte, é fundamental desenvolver estudos que considerem esses fatores contextuais, permitindo um entendimento mais robusto sobre como diferentes ambientes de aprendizado podem afetar a continuidade da aprendizagem.

A metodologia utilizada nos estudos também emergiu como um ponto de limitação. Muitas investigações optam por abordagens quantitativas que, embora ofereçam dados úteis, carecem da



profundidade que as análises qualitativas podem proporcionar. O ideal seria combinar essas duas metodologias, permitindo um mapeamento mais completo das experiências dos alunos. A utilização de métodos mistos pode trazer à tona nuances que as abordagens unidimensionais não conseguem capturar, proporcionando uma visão mais rica e abrangente da transição escolar.

Figura 6 – Limitações metodológicas das pesquisas sobre transição escolar



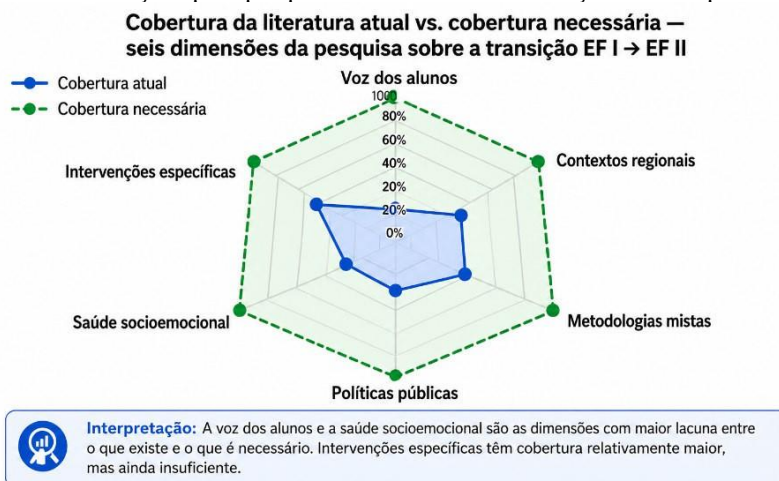
Fonte: Síntese da literatura educacional — SciELO Brasil, CAPES, *Cuadernos de Educación y Desarrollo* (2024).

Outro aspecto importante é a incorporação das vozes dos estudantes nas investigações. Seria enriquecedor adotar metodologias participativas que envolvam os alunos no processo de pesquisa, não apenas como sujeitos passivos, mas como novatos pesquisadores ativos que trazem suas experiências e percepções para o centro da discussão. Essa abordagem não apenas melhora a qualidade dos dados coletados, mas também empodera os alunos, incentivando sua participação no processo educacional e contribuindo para o seu bem-estar.

Diante dessas limitações, há uma necessidade premente de novas direções para a pesquisa futura. Uma área promissora é a exploração de intervenções específicas que visem otimizar a transição do Ensino Fundamental I para o II. Investigar os formatos de intervenção que demonstram eficácia diferenciada em diversos contextos locais pode fornecer insights valiosos sobre como adaptar estratégias para atender às necessidades de diferentes grupos de alunos. Estudos que analisem o impacto de programas direcionados e práticas pedagógicas inovadoras podem ser cruciais para promover uma transição mais suave.



Gráfico 4 – Direções para pesquisas futuras sobre a transição do EF I para o EF II



Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Além disso, a influência das políticas públicas sobre a continuidade da aprendizagem entre os dois ciclos educacionais merece ser mais bem explorada. As diretrizes e sistemas institucionais que regem a educação podem ter um papel decisivo na forma como os estudantes vivenciam essa transição. É essencial investigar como as políticas podem ser remodeladas para melhor atender às necessidades dos alunos, considerando as variáveis regionais e as especificidades de cada contexto escolar. Isso poderá criar uma base sólida para melhorias na estrutura educacional e políticas de apoio. Também se faz necessário analisar a efetividade das ações já implementadas pelas redes de ensino, identificando boas práticas e desafios enfrentados na articulação entre os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. Tais investigações poderão subsidiar a formulação de estratégias mais integradas, capazes de promover maior equidade, reduzir dificuldades de adaptação e fortalecer a permanência e o sucesso escolar dos estudantes.

Ainda, a análise de como a saúde socioemocional dos alunos se relaciona com a transição entre o EF I e EF II pode revelar diretrizes de implementação valiosas. À medida que se busca validar intervenções educacionais, integrar aspectos socioemocionais ao planejamento pedagógico tem o potencial de transformar não apenas o desempenho acadêmico, mas também a experiência geral dos estudantes. Estratégias que promovam um ambiente escolar saudável podem resultar em uma transição mais positiva e em um compromisso mais profundo com a aprendizagem. Além disso, recomenda-se que futuras pesquisas investiguem a atuação conjunta de professores, gestores, famílias e equipes multiprofissionais na promoção do bem-estar dos estudantes durante esse processo. A compreensão dessas interações poderá contribuir para a elaboração de políticas educacionais e práticas pedagógicas mais abrangentes, favorecendo o desenvolvimento integral dos alunos e a construção de ambientes escolares mais acolhedor.



Tabela 3 – Relação entre saúde socioemocional e desempenho na transição escolar

Limitações e direções futuras — transição EF I para EF II

Literatura atual vs. agenda de pesquisa emergente



Fonte: Síntese da literatura educacional brasileira — SciELO, CAPES, Cemipa, *Cuadernos de Educación*.

Em suma, este capítulo estabelece um quadro claro sobre as limitações atuais e as direções futuras para a pesquisa relacionada à transição do Ensino Fundamental I para o II. Enfatizamos a importância da inclusão das vozes dos estudantes, a consideração das variáveis contextuais e a aplicação de metodologias misturadas na investigação. Ao explorar as intervenções e a influência das políticas públicas, o objetivo é proporcionar uma compreensão abrangente que não apenas informe práticas pedagógicas, mas também contribua para o bem-estar e a aprendizagem contínua dos alunos. A pesquisa futura deve se concentrar em abordar essas lacunas e desenvolver um conhecimento mais profundo que possa resultar em práticas educacionais mais eficazes e inclusivas.

5 CONCLUSÃO

Este capítulo sintetiza as principais descobertas sobre a transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II, enfatizando a importância de práticas pedagógicas interdisciplinares e o suporte socioemocional para a continuidade do aprendizado. Ao longo da pesquisa, analisamos como a eficácia das práticas pedagógicas interdisciplinares pode impactar positivamente a experiência dos alunos nesse período de transição. As evidências sugerem que essas abordagens são fundamentais para facilitar a integração dos diversos conhecimentos adquiridos no ciclo anterior, promovendo um aprendizado mais significativo e uma adaptação mais suave às novas demandas do Ensino Fundamental II.

Além disso, exploramos a influência do suporte socioemocional na redução da ansiedade matemática, um fator crítico durante a transição escolar. A pesquisa revelou que, quando os alunos recebem apoio emocional adequado, eles tendem a desenvolver uma melhor autoconfiança e a combater a ansiedade



que muitas vezes acompanha a mudança de ciclo (Dweck, 2006). Essa descoberta destaca a necessidade de programas que integrem tanto a formação acadêmica quanto a saúde emocional dos estudantes, proporcionando um ambiente mais acolhedor e propício para a aprendizagem.

Outra questão pertinente levantada ao longo do trabalho é a articulação curricular entre os dois ciclos de ensino. As análises realizadas indicaram que a realização de uma articulação efetiva pode contribuir significativamente para a continuidade do processo educativo. Recomenda-se que as políticas educacionais implementem estratégias que favoreçam essa articulação, possibilitando um alinhamento mais claro das expectativas pedagógicas entre os professores do Ensino Fundamental I e II. Tais políticas podem incluir formações conjuntas para docentes, desenvolvimento de currículos interdisciplinares e espaços de colaboração entre as equipes pedagógicas de ambas as fases.

Adicionalmente, a inclusão das vozes dos estudantes nas pesquisas sobre a transição escolar é um aspecto que não pode ser subestimado. A participação ativa dos alunos em discussões sobre suas experiências pode trazer insights valiosos e profundas compreensão das dificuldades que enfrentam. Isso não apenas enriquece a pesquisa acadêmica, mas também permite que as práticas educativas sejam moldadas com base nas necessidades reais dos estudantes, garantindo que as intervenções propostas sejam mais eficazes e contextualizadas.

Por fim, este estudo aponta direções futuras para pesquisa na área da transição entre os ciclos de ensino. Existem limitações na literatura atual que precisam ser exploradas, como a escassez de dados longitudinais que possam acompanhar o desenvolvimento dos alunos durante e após a transição. Investigações futuras devem focar em análises mais amplas, englobando diferentes contextos escolares e sociais para captar a diversidade das experiências dos alunos e oferecer respostas mais sólidas e abrangentes às questões levantadas.

Em suma, as principais conclusões a respeito da transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II revelam a complexidade e a importância desse processo educativo. A eficácia das práticas pedagógicas interdisciplinares, o suporte socioemocional e a articulação curricular se mostram essenciais para que a educação cumpra seu papel de formar cidadãos preparados para os desafios do futuro. Este trabalho reforça a necessidade de uma abordagem holística e integrada ao pensar a educação brasileira, promovendo não apenas a transmissão de conhecimentos, mas o desenvolvimento integral dos alunos.

REFERÊNCIAS

ASHCRAFT, M. H.; KIRK, E. P. The relationships among working memory, math anxiety, and performance. **Journal of Experimental Psychology: General**, v. 130, n. 2, p. 224–237, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.



BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRONFENBRENNER, U. **The ecology of human development:** experiments by nature and design. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

BRUNER, J. S. **The process of education.** Cambridge: Harvard University Press, 1960.

CARMO, J. S. (Org.). **O behaviorismo e a psicologia científica.** São Paulo: Esetec, 2011.

D'AMBROSIO, U. **Educação Matemática:** da teoria à prática. Campinas: Papirus, 2012.

DANTE, L. R. **Formulação e resolução de problemas de Matemática:** teoria e prática. São Paulo: Ática, 2009.

DWECK, C. S. **Mindset:** the new psychology of success. New York: Random House, 2006.

HEMBREE, R. The nature, effects, and relief of mathematics anxiety. **Journal for Research in Mathematics Education**, v. 21, n. 1, p. 33–46, 1990.

INEP — Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resultados do IDEB 2023.** Brasília: INEP/MEC, ago. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep>. Acesso em: maio 2026.

MENDES, E. G.; CARMO, J. S. Ansiedade matemática: análise de produções científicas brasileiras. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 38, p. 75–93, 2014.

PONTE, J. P. da. **A transição do 1.º para o 2.º ciclo: o caso da Matemática.** Lisboa: Universidade de Lisboa, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.